

**III e IV Conferências Científicas Internacionais
de Projetos Educativos para Seniores - 2019**

**IV international scientific conference of
educational projects for seniors – RIPE+50**



**Goiânia - Brasil
3th and 4th October 2019**

LIVRO DE ACTAS / Minute book

RIPE 50 +

TÍTULO: Livro de actas das III e IV conferências científicas internacionais de projetos educativos para seniores - *Minute book of III and IV international scientific conference of educational projects for seniors*

COORDENADOR: Luis Jacob – RUTIS/RIPE50+

EDIÇÃO: 1ª Edição digital, 208 páginas. Acessível em www.ripe50.org

RIPE 50+, Rede Mundial de Projectos Educativos para maiores de 50

EDITORA: Euedito
2019 Euedito - Portugal
geral@euedito.com
www.euedito.com

IV CONFERENCIA: Goiânia - Brasil / 3 e 4 de Outubro de 2019

III CONFERENCIA: Santiago de Compostela – Espanha / 30 e 31 de Outubro de 2018

ISBN: 978-989-8983-06-0

Impressão Print On Demand Liberis

DEPÓSITO LEGAL: 458846/19

RIPE 50+

AVISO LEGAL: Este livro contém informações obtidas através de fontes autênticas. Foram efetuados esforços para publicar os dados e informações fiáveis, mas os coordenadores/editores, bem como a editora, não podem assumir a responsabilidade pela validade de todos os materiais ou pelas consequências do seu uso. Este livro, ou qualquer parte deste, não pode ser reproduzido ou transmitido por qualquer forma ou por qualquer meio, eletrónico ou suporte físico, incluindo fotocópias, microfilmagem, e gravação, ou por qualquer armazenamento de informações ou sistema de recuperação sem autorização prévia por escrito da RUTIS. Todos os direitos reservados. Autorização para fotocopiar itens para uso interno ou pessoal pode ser concedido por RUTIS. Aviso da marca comercial: Produto ou nomes de empresas podem ser marcas comerciais ou marcas comerciais registadas, e são usados somente para identificação e explicação, sem intenção de infringir.



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.

Os prejudicados somos todos nós



World Network of Educational Projects for + 50

Red Mundial de Projectos Educativos para + 50

Rede Mundial de Projectos Educativos para + 50

Visite o site da IV conferência in www.ripe50.org
Visit the website of the IV conference in www.ripe50.org

IV Conferência Científica Internacional de Projetos Educativos para Seniores

Programa

Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Brasil

3 de Outubro de 2019

Quinta-Feira – Período Matutino

9h – 10h30

Composição da Mesa Diretora

Apresentação Cultural: O tempo é tempo demais, mas é pouco” – Texto, adaptação e direção de Danilo Alencar e disciplina de Teatro da UNATI da PUC Goiás

Conferência inaugural – Envelhecimento, Educação e Sociedade – Leonardo Milhomem (Diretor do Departamento de Atenção ao Idoso do Ministério da Cidadania, unidade responsável pela Estratégia Brasil Amigo da Pessoa Idosa)

Conferência de abertura: A velhice – “coisa” do interesse humano: um olhar a partir da Educação – António Camilo Cunha (Professor doutor do Departamento de Teoria de Educação, Expressões Artísticas e Educação Física da Universidade do Minho- Braga/ Portugal)

10h30 – *Coffee break* - Mostra fotográfica: Faces da Velhice

11h – 12h – Painel I

Universidade do Envelhecer: da formação à atuação - Profa. Dra. Margô Gomes de Oliveira Karnikowski (Professora do Departamento de Farmácia e no Programa de Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias da

Universidade de Brasília / Coordenadora do programa Universidade do Envelhecer – UnB)

A Relação entre Aprendizagem e Velhice: O ensino superior como mediador dos contextos educativos num mundo envelhecido – Prof. Dr. Ricardo Pocinho (Professor adjunto da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)

12h – Almoço

13h – 14h - Karaokê *Sênior* – com alunos e professores da UNATI da PUC Goiás (disciplinas de inglês, francês e espanhol) PUC IDIOMAS – aberto ao público da IV CIPES

14h – 14h20 – Apresentação Cultural: Orquestra Sertaneja de Pires do Rio/GO sob a regência de Glêick Silva e Carlos de Oliveira

14h – 16h – Painel II

Nuevos Profesionales para el siglo XXI – Raúl Carlos Drelichman (Professor e coordenador do Departamento de Ciências do Envelhecimento, da Universidade Maimónides – Argentina).

USP Aberta à Terceira Idade: a experiência da prática de oficinas físico-esportivas na busca pelo envelhecimento ativo. – Profa. Dra. Rosa Yuka Sato Chubaci (professora do curso de graduação em Gerontologia da USP).

16h – 16h20 – *Coffee break* – Exposição de banners

16h20 – 17h – Painel III

Conceção e desenvolvimento de projetos de aprendizagem e participação artísticos: práticas contextualizadas numa comunidade sênior – Profa. Dra. Sandrina Milhano (Diretora da Escola Superior de Educação e Ciências do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)

Apresentação de Projetos/Pesquisas de Ações Educativas em Gerontologia e Processos de Envelhecimento

17h – 17h40 – Conferência de Encerramento: Dança Circular e Gerontologia: uma ferramenta na Educação – Profa. Danielli Montenegro (UNATI da PUC Goiás) e Profa. Dra. Cristina Bonetti (Coordenadora adjunta de pesquisa e Coordenadora do curso de especialização em Transdisciplinaridade e Interdisciplinaridade na Educação – Universidade Estadual de Goiás)

17h40 – 18h – Apresentação Cultural: Dança Circular com alunos da Disciplina de Dança Circular – Profa. Danielli Montenegro

4 de Outubro de 2019

Sexta-Feira – Período Matutino

8h – 9h – Receção e Apresentação Cultural: Cultural: Coral Vida Ativa – Vila Nova – Goiânia/GO – Profa. Joelma Cristina Gomes

9h – 9h40 – Conferências de abertura: Envelhecimento Ativo como tema central em projetos europeus – Prof. Luis Jacob (Presidente da RUTIS e da RIPE+50, professor do Instituto Politécnico de Bragança – Portugal).

Conectando Gerações, Construindo Longevidade – Carlota Esteves (Instituto Longevidade Brasil – Rio de Janeiro)

9h45 – 10h30 – Painel IV

A solidão do idoso em meio rural: estratégias de intervenção - O Projeto Coração de Sicó – Prof. Dr. Rui Miguel Duarte Santos (Diretor Técnico em uma Instituição Particular de Solidariedade Social – IPSS)

O papel do Diretor Técnico nas estruturas residenciais para idosos: dilemas entre o ser, o querer e o ter – Prof. Dr. Cristovão Margarido (Subdiretor na Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria – Portugal)

10h30 – 10h50 – Pausa para o café – Exposição de banners

11h – 11h45 – Painel V

Home care: um cuidado para todos – Flávia Reis Caixeta Aguiar (Gestora em Saúde / Consultora em qualidade de atendimento)

Formação do profissional cuidador: uma proposta de educação permanente – Maria Antonieta Turci Rulli (Kaizen Saúde – São Paulo/SP – Núcleo Cuidadores)

12h – 13h30 – Almoço

13h30 – 16h – Painei VI

Os Conselhos de Direitos na formulação e efetivação de políticas públicas para o bem estar das pessoas idosas – Prof. Me. Jorge Nei Neves (Presidente do Conselho Estadual dos Direitos do Idoso do Paraná (CEDI/PR) e Professor do Quadro Próprio do Magistério – Secretaria de Estado da Educação do Estado do Paraná)

Cérebro ativo: um programa para estimulação e educação em saúde cerebral e cognitiva – Me. Luciano Rodrigues de Oliveira (Diretor Executivo da LRO – Consultoria e Assessoria em serviços de desospitalização e transição de cuidados – São Paulo/SP)

Instituições de Ensino Superior abertas para pessoas idosas: espaços diferenciados de aprendizagem- Roberto Bastos de Oliveira Júnior (Prefeitura Municipal de Lorena/SP e Grupo de Pesquisadores do Centro UNISAL)

O ensino da língua estrangeira para os +60: como fazemos? - Alex de Andrade Medeiros, Svetlana Guerreiro Chaves Garrido, Cristiane Azevedo Souza, Ciaran Francis Leonard (Professores da UNATI da PUC GOIÁS)

16h – 16h20 – *Coffee break* – Exposição de banners

16h20 – 17h – Mesa redonda: A universidade como mediadora de novas práticas na velhice – convidados

17h – 17h30 – Apresentação Cultural ITEGO Basileu França: peça teatral “A falecida idade”, inspirada no estudo da obra “*A falecida*“, de Nelson Rodrigues, sob a coordenação da professora Joana D’Arc Leite e direção da professora Luciana Gonçalves. 17h30 – Sessão de encerramento

Índice

- I - Perspetiva histórica da construção da imagem da Pessoa Idosa por Carlos Pires Magalhães, Maria Augusta Pereira da Mata e Hélder Jaime Fernandes 9-23 pp.
- II - Idade(s) da (s) Velhice(s) e Envelhecimento(s): Questionamentos atuais do envelhecimento ativo e saudável na intervenção em estruturas residenciais para idosos por Ricardo da Silva Crispim 24-47 pp.
- III - A Relação entre Aprendizagem e Velhice: O ensino superior como mediador dos contextos educativos num mundo envelhecido por Ricardo Pocinho, Cristovão Margarido Rui Santos e Sandrina Milhano 48-61 pp.
- IV - Conquistas silenciosas: contribuições de um programa educacional para a maturidade no combate à depressão por Kerolyn Ramos Garcia, Joaquim Trajano Pinto Soares Lima, Thays Nunes Silva, Marileusa Dosolina Chiarello e Margô Gomes de Oliveira Karnikowski (Brasil) 62-76 pp.
- V - O digital aproxima-nos: uma ação artístico-educativa para motivação ao uso de meios digitais por Lisa Valéria Vieira Torres e Eduardo Araújo de Ávila (Brasil) 77-83 pp.
- VI - Efeitos de um programa de exercício físico na aptidão física de um grupo de idosos institucionalizados por Carina Samorinha, Leonel Preto, Eugénia Mendes, Hélder Fernandes e André Novo 84-103 pp.
- VII - Igualdade de Género, porquê e para quê? por Céu Martins 104-127 pp.

VIII - Processo de Desenvolvimento Humano e Psicogerontologia: Oportunidade Reflexiva a partir do “Velho e o Mar” por Sónia Galinha	128-143 pp.
IX - Caracterização do voluntariado nas Universidades Seniores em Portugal em 2019 por Luis Jacob e Ana Borgas	144-172 pp.
X - Convivência e aprendizagem intergeracional no ensino superior: relato de um caso prático por Luísa Pimentel e Sara Mónico Lopes	173-190 pp.
XI - La universidad como mediadora de nuevas prácticas en la vejez por Alejandro Otero (Espanha)	191-205 pp.
Parceiros	206 p.
Direcção da RIPE 55+	207 p.

RIPE 50+

I - PERSPETIVA HISTÓRICA DA CONSTRUÇÃO DA IMAGEM DA PESSOA IDOSA

¹Carlos Pires Magalhães, ¹Maria Augusta Pereira da Mata e ¹Hélder Jaime Fernandes

1 - Docentes da Escola Superior de Saúde do Instituto Politécnico de Bragança, Membros da Unidade de Investigação em Ciências da Saúde: Enfermagem (UICISA:E), Portugal.

“A velhice é um termo que quase sempre causa calafrios, uma palavra carregada de inquietude, de fraqueza e por vezes de angústia” In
Georges Minois (1987/1999)

Minois (1987/1999), Doutor em História, inicia a introdução do seu famoso livro acerca da história da velhice com estas palavras de cariz negativo. Efetivamente, da vasta bibliografia acerca da temática constatamos que ao longo dos tempos são vários os autores que nos referenciam e alertam para a existência de estereótipos de cariz negativo acerca do envelhecimento, da velhice e da pessoa idosa.

Da consulta dos inúmeros provérbios recolhidos e compilados em categorias por vários autores (Pereira, 2001; Ribeiro, 2003; Machado, 2005; Parente, 2005), relativamente à velhice é bem visível a grande quantidade de provérbios de cariz negativo (como por exemplo os apresentados no quadro 1).

Estes provérbios que advêm de distintas culturas, e parecem perpetuar ainda em algumas sociedades, reportam-se a distintas dimensões biopsicossociais do ser humano.

Quadro 1 - Provérbios de cariz negativo acerca da velhice

Provérbios	Categoria	Publicação
<i>“Quem envelhece arrefece”</i>	Perda de capacidades com o envelhecimento	In Pereira (2001)
<i>“Velhice: muita tosse, pouca posse, pinguelo no nariz e não saber o que diz”</i>	Declínio físico e psíquico	In Parente (2005)
<i>“Velho não se senta sem «ui», nem se levanta sem «ai»”</i>	Doença	In Machado (2005)
<i>“Velhice é doença”</i>	Doença	In Parente (2005)
<i>“Quem de novo não melhora, depois de velho sempre piora”</i>	Doença	In Ribeiro (2003)
<i>“Velhice não tem cura”</i>	Doença incurável	In Parente (2005)
<i>“Na juventude somos adultos, na velhice crianças”</i> <i>“De Velhinho se torna a menino”</i> <i>“Velhice, segunda meninice”</i>	Regresso à infância	In Pereira (2001) In Ribeiro (2003) In Machado (2005)
<i>“Velhice é um mal desejado”</i>	Mal	In Machado (2005)
<i>“A vida, quanto mais se estica mais curta fica”</i>	Morte	In Pereira (2001)
<i>“Quem de novo não morre, de velho não escapa”</i>	Morte	In Ribeiro (2003)

É habitual ouvir-se que em tempos passados as pessoas idosas eram percecionadas com mais respeito, atribuindo-se-lhes o poder da sabedoria, valorizando-se a experiência acumulada ao longo da vida. Tendo por base a bibliografia referente à história da velhice (Beauvoir, 1970/1983; Minois 1987/1999; Carvalho, 1989; Granjel, 1991; Granjel, 2004), verificamos que logo desde os povos primitivos a imagem dos idosos nem sempre correspondeu a uma visão positiva, dado que, tal como nos salienta Minois (1987/1999) “o lugar atribuído ao velho depende do contexto cultural geral: esta verificação observa-se em todas as épocas e os povos sem escrita são disso um exemplo” (p. 22).

A importância atribuída aos idosos na pré-história resultaria essencialmente, segundo Minois (1987/1999), da perceção relativa à dificuldade que constituía alcançar as idades mais elevadas, compreendido muitas vezes como um fenómeno sobrenatural. Por essa razão, a maior parte dos feiticeiros e sacerdotes eram pessoas de idade avançada e, assim, percecionados como agentes que lidavam com as forças do mal, desencadeando daqui, segundo o autor, uma primeira ambiguidade relativamente às atitudes para com estes, como, por exemplo, a que sucedia em Africa, em que enquanto apenas dois ou três idosos da tribo eram sacralizados e faziam parte hierárquica sobrenatural, os restantes eram repelidos.

O atributo da sabedoria e da experiência eram concedidos aos idosos dos povos de civilização oral, cuja mensagem prevaleceu através do provérbio africano “quando um velho morre é uma biblioteca que arde”.

Estes juízes da gestão dos seus saberes e da sua experiência

confeririam um papel político aos idosos nos povos primitivos, resultando daqui o conhecido e mais venerado “Conselho de anciãos”. Contudo, as contradições também se verificavam nestes povos primitivos de civilização oral. Exemplos disso eram: a atribuição da decrepitude e fealdade aos idosos por parte dos índios Nambikwara; nas povoações do Grande Norte Siberiano, quando o idoso deixava de poder caçar, em concordância com o grupo, suicidava-se através do enregelamento ou caminhando até à exaustão, e alguns povos africanos desembaraçavam-se dos idosos considerados senis. Estes são apenas alguns dos muitos exemplos que nos apresenta Minois (1987/1999).

É também através da escrita dos antigos textos que se denota a existência de uma perceção negativa da imagem do idoso. Minois (1987/1999) apresenta-nos no seu livro vários documentos egípcios que relatam imagens negativas acerca da velhice, descrevendo deficits essencialmente biológicos. Carvalho (1989) refere-nos que a medicina faraónica considerava que a origem do envelhecimento estava no coração, de tal forma que a fraqueza do idoso correspondia a uma dilatação do mesmo. Existia também a convicção de que o pensamento, a inteligência aplicada, não residiam no cérebro, mas sim no coração, percecionado como um órgão nobre. Ainda segundo Carvalho (1989, p. 35) “para o egípcio, a causa do envelhecimento está num processo natural enfraquecido pela doença, no sentido que estar velho é estar-se muito doente. Não admira o conceito, de que a velhice é o pior dos males que pode afligir o homem”.

A Grécia antiga, considerada mãe da civilização ocidental dado que foi deveras importante para a cultura ocidental (principalmente desde o século V a.C.) ao nível da arte, da filosofia, no teatro e na política, destaca-nos essencialmente uma visão negativa da velhice. Como refere Minois (1987/1999), na epopeia homérica, a mitologia desprezava a velhice - os deuses eram representados essencialmente como jovens, e se bem que existiu uma deusa da velhice, esta era representada por uma idosa coberta por um manto negro, apoiada sobre um cajado - e exaltava principalmente a juventude (os heróis, como Aquiles, Ulisses, eram jovens combatentes). Existia um “Conselho de anciãos” que era consultado aquando de dificuldades, contudo o papel deste era, segundo Minois (1987/1999), meramente consultivo. Segundo Carvalho (1989), o médico Hipócrates e o filósofo Aristóteles consideravam que a velhice resultava de um declínio progressivo do calor inato.

Ao nível da medicina romana, Galeno (de origem grega, 131-201 da era cristã), influenciado pelo pensamento de Hipócrates e apologista do pensamento Aristotélico, introduz explicações acerca do processo de envelhecimento utilizando essencialmente a doutrina da patologia humoral, destacando a visão da velhice como algo inevitável e incurável, que seria o resultado de um progressivo processo de desidratação (Carvalho, 1989). A explicação de Galeno diferia da de Aristóteles, na medida que este concebia a velhice como um estado natural e não como uma doença (Granjel, 2004).

Segundo Granjel (1991) persiste uma valorização social negativa da velhice nos finais da idade média, continuando a aceitar-se equiparar a velhice à doença tal como o fazia Aristóteles. Tendo por base o conjunto de textos produzidos na época, para Minois (1987/1999) a literatura cristã oferece essencialmente uma visão que segue a linha de pensamento greco-romano.

No domínio político da Alta Idade Média, existia em alguns reinos o “Conselho de anciãos”, relevando a imagem positiva do idoso. Entre o século XI e XII deparamo-nos com uma diversificação social e cultural acerca da velhice, em que por um lado existiam os aristocráticos e literários que associavam a velhice à reforma e, por outro lado, os camponeses medievais que não partilhavam do problema das ocupações específicas de cada idade (pois para estes não havia época de estudo, de caça ou de guerra), dado que tinham que trabalhar arduamente as terras. Para estes, existiam apenas três períodos: a primeira infância, que correspondia aos improdutivos; a vida adulta, que correspondia à força de trabalho, cuja fase terminava quando se perdia a capacidade de trabalhar nos campos, ficando fraco e decrépito, período que correspondia à velhice. Entre o século XIV e XV, a doença dizimou imensa gente na Europa, resultando num clima de constante insegurança. Paradoxalmente, daqui resultou um reforço do papel dos idosos, na medida em que a peste parecia poupar essencialmente os idosos, sendo vários os relatos escritos que assim o indicavam, tal como nos apresenta Minois (1987/1999).

Ainda segundo o autor, um sinal significativo dessa época resulta da inclusão dos idosos nas artes (pintura e escultura), em que os idosos são representados por si mesmos tal como são e não como imagens

estereotipadas da velhice, sem se esconder os sinais físicos desta.

No século XVI, a literatura e arte renascentista cultivava a juventude e amaldiçoava a velhice (ex: Shakespeare em “As sete idades do homem” comparava a velhice ao regresso à infância). A nível médico, neste século retomaram-se as explicações acerca da origem da velhice, como o fez Paracelso (1493-1541) que comparava a velhice à ferrugem; Laurens (1558-1609), um defensor do método experimental, que recorrendo à dissecação de cadáveres contrapôs a posição egípcia acerca da velhice, entre muitos outros citados por Minois (1987/1999). Contudo, o autor salienta também o paradoxo entre o discurso acerca da velhice e o papel relevante que muitos dos idosos desempenhavam na sociedade, economia, política e arte, pois, nesse sentido, Minois (1987/1999) afirma que “Em todos os domínios os velhos mais ativos representaram um papel importante e, como nos períodos anteriores, o século XVI também não conheceu a gerontocracia. Mas teve grande confiança nas pessoas de idade e se acaso as não estimou foi sobretudo nos livros” (p. 365).

Para Granjel (1991), durante o século XVIII ocorrem alterações sociais e culturais no mundo europeu, verificando-se um reforço da classe detentora do poder, fruto do desenvolvimento da burguesia, que controlava o comércio e a recém-nascida indústria. Contudo, tais mudanças não implicariam ainda grandes alterações no papel social de apreço que se reconhecia ao idoso. No final do século, inicia-se um crescimento demográfico no mundo ocidental, decorrente dos avanços na

medicina preventiva e das melhorias da higiene, e a imagem acerca do idoso apresenta-se-nos ambivalente, tal como referido pelo autor: “uma imagem do ancião na qual se acomodam elogios e críticas” (p. 49).

Beauvoir (1970/1983) refere-nos que no século XIX ocorreram transformações na Europa que iriam influenciar consideravelmente os idosos e a imagem da sociedade acerca da velhice, tais como o aumento demográfico e os progressos da ciência. Estes últimos conduzem, de acordo com o autor, à “substituição dos mitos acerca da velhice por um verdadeiro conhecimento, e este saber permite que a medicina cuide e cure as pessoas de idade” (p.233). Contudo, tal não acarretará circunstâncias mais favoráveis para o conjunto dos idosos, pois muitos deles irão ser vítimas do desenvolvimento económico (ex: na segunda metade do século XIX, na Inglaterra e na França, o trabalho não estava protegido, as pessoas com o avançar dos anos desaceleravam o ritmo de trabalho, implicando a sua substituição por mão de obra mais jovem e, conseqüentemente, crescia o número de idosos vagabundos, indigentes). Estes contrastavam com a condição de idosos privilegiados, nunca outrora tão saliente como nesta época. A ambivalência neste século era de tal forma notória que a esse respeito Beauvoir (1970/1983, p. 240) afirma:

Velhos obreiros reduzidos a indigência e ao vagabundeio, velhos campesinos tratados como bestas, os anciãos pobres se situam no mais baixo da escala social. Os das classes superiores são os que ocupam o cimo. A oposição é tão evidente que quase parecem duas espécies diferentes.

Segundo Leme (1996), no século XVII e XVIII, o desenvolvimento da Química, Anatomia, Fisiologia e Patologia contribuíram para uma discussão mais realista acerca do envelhecimento. Nesse sentido, Johann Von Fischer (1685-1772) publica em 1754, na Alemanha, um livro dedicado aos idosos, no qual aborda as características do envelhecimento, procurando separar este da doença. Para além disso, contrapõe-se energicamente relativamente ao pessimismo dos médicos na abordagem aos idosos. Com a revolução industrial (século XVIII/XIX) surgem teorias explicativas baseadas no desgaste. Contudo, apesar do precioso contributo de Johann Von Fischer, para Fontaine (1999/2000) os grandes investigadores do século XIX, como Charcot, difundiram uma imagem extremamente negativa da conceção do envelhecimento, utilizando qualificativos como decadência, deterioração ou desestruturação.

Nesse século, ainda segundo o mesmo autor, o fascínio pela patologia, quer de natureza biológica, quer de natureza psicológica, era elevado, de tal forma que investigadores como Freud consideravam que a não ser no grau, não existiam diferenças entre o normal e o patológico, ideia esta de continuidade do normal-patológico escrita por Charcot, concedendo à velhice uma imagem de redução a um estado patológico de senilidade ou demência. Granjel (2004) é da opinião que desde o século XVI até ao XIX não surgiram por parte da medicina europeia argumentos fortes para recusar a interpretação clássica do envelhecimento.

No século XX, importantes acontecimentos iriam surgir, fruto de uma evolução dos conhecimentos científicos nas distintas áreas, que se repercutiriam no aumento da esperança de vida das pessoas, bem como num

envelhecimento demográfico sem precedentes, implicando a reorganização das sociedades nas cidades mais desenvolvidas, com impacto sobre o papel e a posição do idoso aos olhos da mesma. O desenvolvimento de serviços e de políticas, em resposta às preocupações para com as problemáticas inerentes ao envelhecimento populacional, são notórios na cronologia dos acontecimentos ocorridos ao longo do século XX e início do século XXI, como se poderá observar em alguns dos exemplos apresentados em seguida no quadro 2.

RIPE 50+

Quadro 2 - Origem e desenvolvimento da ciência e de serviços no âmbito dos idosos, e promoção de ações face ao envelhecimento populacional – Séc. XX/XXI

Ano	Acontecimentos	Referência Bibliográfica
1903	Elie Metchnikoff (Nobel da Medicina em 1908) propõe uma nova ciência a que denominou de Gerontologia. Esta visaria o estudo científico da velhice nas suas distintas dimensões.	In Fernández-Ballesteros (2000)
1909	Nasher introduz em 1909 o termo Geriatria, que corresponderia ao ramo da medicina que se ocuparia especificamente das doenças dos idosos.	In Llera (2005)
1946	O Serviço de Saúde Inglês, pelas mãos de Marjorie Warren, cria a especialidade médica de geriatria.	In Llera (2005)
1959	Surge o primeiro manual sobre envelhecimento pelas mãos de Birren, publicação centrada no envelhecimento biológico e psicológico, considerada como um marco para as ciências sociais e do comportamento. A partir daqui, com base no desenvolvimento das distintas ciências, a expansão dos conhecimentos sobre o envelhecimento mantém-se até à atualidade.	In Vega e Bueno (2000)
1982	Ocorre em Viena a Primeira Assembleia Mundial para o Envelhecimento, promovida pelas Nações Unidas, destinada essencialmente aos países mais desenvolvidos, onde o envelhecimento começava a suscitar uma considerável preocupação. Daqui sairia o primeiro Plano de Ação Internacional para o envelhecimento, com 62 recomendações para a ação sobre aspetos como a investigação, saúde e nutrição, proteção ao consumidor, vivenda e meio ambiente, família e bem-estar, segurança social, entre outros. A Assembleia Geral decidiu proclamar o ano de 1999 como o Ano Internacional das Pessoas Idosas.	In Nações Unidas (2002)
1999	Ano Internacional das Pessoas Idosas. A atenção da ONU nesse ano focalizou-se na necessidade de criar “uma sociedade para todas as idades”, de forma a que na sociedade as atitudes, as políticas e as práticas, a todos os níveis e em todos os sectores, possibilitem o envelhecimento das pessoas em segurança e com dignidade, uma sociedade que permita uma participação continua dos idosos.	In Nações Unidas (2002)
2001	8 dos 15 países da Comunidade Europeia possuíam a especialidade de Geriatria. Imensas unidades de Geriatria estavam criadas.	In Llera (2005)
2002	Ocorre em Madrid a Segunda Assembleia Mundial para o Envelhecimento, promovida pelas Nações Unidas, com o intuito de se avançar com um novo Plano de Ação Internacional sobre o Envelhecimento, para responder às oportunidades e desafios do envelhecimento da população no século XXI e para promover em força o conceito de “sociedade para todas as idades”. Um dos temas incluídos visaria a abordagem da problemática dos estereótipos negativos acerca da velhice, avançando-se com propostas de combate aos mesmos.	In Nações Unidas (2002)

Somente a partir dos finais da primeira metade do século XX surgem as primeiras pesquisas acerca das atitudes para com a velhice (Neri, 2006), iniciando-se desta forma a operacionalização da investigação da imagem social.

Tendo por base investigações efetuadas nas últimas décadas, relativamente à percepção da sociedade acerca da velhice, Marín, Troyano e Vallejo (2001) constataram que:

- Da década de 50 destaca-se a percepção do envelhecimento como um processo onde prima a decadência e a deterioração, responsável pela perda de capacidades físicas e mentais, pelo aumento de achaques, pelo isolamento e irresponsabilidade.
- No início dos anos 70 persiste a imagem negativa, em que as pessoas idosas são percebidas como indivíduos passivos e intolerantes.
- Após a década de 90, surgem investigações que remetem para uma alteração significativa dos adjetivos acerca das pessoas idosas, denotando-se uma maior visibilidade dos traços positivos do coletivo (percebidos como sábios, serenos e inteligentes), contudo persistem (em minoria) alguns estereótipos de cariz negativo (percebidos como torpes, enfermos e inúteis).

Vários estudos efetuados na Península Ibérica no início do sec. XXI evidenciaram uma imagem mais positiva acerca da velhice em estudantes do ensino superior (Rodrigues & Postigo, 2004; Magalhães, 2008).

Um estudo efetuado com estudantes universitários da cidade de Aracaju (Brasil), por Rodrigo e Lima (2015), tendo por base o conceito de dissociação, em que se procurou compreender como se organizavam as crenças pessoais e as que são atribuídas à sociedade acerca dos idosos, os resultados evidenciaram uma dicotomia em que as crenças pessoais são maioritariamente positivas, enquanto as crenças coletivas são maioritariamente negativas, levando os autores a afirmar que:

Para as áreas de conhecimento e intervenção voltadas aos idosos, a diversidade no modo de se pensar o grupo, com concepções positivas, pseudopositivas e negativas, serve para que se reflita sobre como este é tratado no dia-a-dia, de forma que noções aparentemente positivas não se reflitam em práticas que subestimem suas capacidades, e que noções negativas não sejam negligenciadas (p. 956).

O desenvolvimento de projetos educativos para seniores que promovam imagens positivas dos mesmos, de âmbito nacional e internacional, veiculados pelos meios de comunicação social e pelas redes sociais, podem ser fulcrais para a valorização da imagem e do papel da pessoa idosa, em prole de uma sociedade que respeite todas as idades, tal como preconizado pelas Nações Unidas. Conscientes de que os idosos de amanhã serão distintos dos idosos de hoje, estará nas nossas mãos promovermos essa valorização o mais cedo possível.

Referências bibliográficas

- Beauvoir, S. (1983). *La vejez*. Barcelona: Edhasa. (Trabalho original em francês publicado em 1970).
- Berger, L., & Mailloux-Poireier, D. (1995). *Pessoas idosas – uma abordagem global*. Lisboa: Lusodidactica.
- Carvalho, P. M. (1989). *A magia da idade. Reflexão Médico-Cirúrgica sobre o envelhecimento*. Coimbra: Edição do Autor.
- Fernández-Ballesteros, R. (2000). Gerontología Social. Una Introducción. In R. Fernández-Ballesteros (ed.), *Gerontologia Social*. Madrid: Ediciones Pirámide.
- Fontaine, R (2000). *Psicologia do envelhecimento*. Lisboa: Climepsi Editores. (Trabalho original em francês publicado em 1999).
- Granjel, L.S. (1991). *Historia de la vejez: Gerontología. Gerocultura. Geriatria*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca.
- Granjel, L.S. (2004). Apuntes para una historia de la vejez. *Monografias Humanitas*, 1, 21-26.
- Leme, L.E.G. (1996). A Gerontologia e o Problema do Envelhecimento. Visão Histórica. In M. P. Netto (ed.), *Gerontologia: A Velhice e o Envelhecimento em visão Globalizada*. São Paulo: Editora Atheneu.
- Llera, F.G. (2005). Geriatria: definiciones y conceptos. In J. Núñez (ed.), *Geriatria desde el principio* (2.^a ed.). Barcelona: Editorial Glosa.
- Machado, J.P. (2005). *O Grande Livro dos Provérbios* (3.^a ed.). Cruz Quebrada: Editorial Notícias.
- Magalhães, C. (2008). *Estereótipos acerca das Pessoas Idosas em*

Estudantes do Ensino Superior, no distrito de Bragança. Tese de Doutoramento em Gerontologia Social, apresentada à Universidade de Extremadura. Badajoz.

- Marín, M., Troyano, Y., & Vallejo, A. (2001). Percepción Social de la Vejez. *Revista Multidisciplinar de Gerontología*, 11 (2), 88-90.

- Minois, G. (1999). *História da Velhice no Ocidente: da Antiguidade ao Renascimento*. Lisboa: Editorial Teorema, Lda. (Trabalho original em francês publicado em 1987).

- Nações Unidas (2002). *Informe de la Segunda Asamblea Mundial sobre el Envejecimiento*. Consultado em 10 Fevereiro de 2019, em Nações Unidas: https://www.un.org/es/events/pastevents/ageing_assembly2/

- Parente, S. (2005). *O Livro dos Provérbios*. Lisboa: Ancora Editora.

- Pereira, D. (2001). *Adágios Quase Clínicos*. Alverca: Edição DMTP.

- Rodriguez, J. M., & Postigo, J. M. L. (2004). *Psicología de la vejez: estereotipos juveniles sobre el envejecimiento*. Cuenca: Ediciones de la Universidad de Castilla-La Mancha.

- Ribeiro, M. (2003). *Provérbios e Adágios Populares* (2.^a ed.). Lisboa: Planeta Editora.

- Vega, J., & Bueno, B. (2000). *Desarrollo Adulto y Envejecimiento*. Madrid: Editorial síntesis, S.A.

- Vieira, R.S.S, & Lima, M.E.O. (2015). Estereótipos sobre os idosos: dissociação entre crenças pessoais e coletivas. *Trends in Psychology*, 23 (4), 947-